

MISTY WILSON

Outono em Bramble Falls



SECRET
SOCIETY

*Para todos os meus leitores que bebem Pumpkin
Spice Latte, vestem camisolas de lã, colhem
maçãs, veem Gilmore Girls, visitam campos de
abóboras, comem milho doce e adoram o outono.
Este é para vocês.*

Que todos encontremos os nossos Coopers.





Capítulo Um

Caviar é nojento, e quem disser o contrário é um mentiroso. Ainda assim, rolo as ovas na língua como se fossem um bom vinho, tal como o meu pai me disse para fazer antes de me abandonar num canto para ir conversar com um dos muitos homens de cabelos brancos presentes neste evento. Se não estivesse na gala anual da Street Media Corporation, cuspia-as num piscar de olhos. Mas não posso envergonhar o meu pai ao tornar-me na Rapariga ao Lado da Planta Falsa que Cospe Comida Cara para o Guardanapo. Por isso, deixo que as ovas fiquem na minha boca, na esperança de que simplesmente se dissolvam e eu não tenha de as engolir de forma consciente.

Uma pequena banda toca para uma sala cintilante, repleta de gente nos seus vestidos caros e nos seus smokings. Quatro casais aproveitam a pista de dança do salão de baile do hotel, enquanto o resto dos convidados ou se reúne em pequenos grupos ou se senta às mesas enfeitadas com toalhas de luxo em linho branco e centros de mesa feitos de orquídeas. A gala desta noite é tanto uma celebração do ano lucrativo da empresa como um evento de networking com potenciais investidores. Todos aqueles que são alguém em Nova Iorque estão aqui, a dançar, a rir e a conhecer novas caras abastadas.

E eu sou apenas uma estagiária sortuda o suficiente para ter um pai importante.

— Ah, já experimentou a iguaria rara — comenta Mr. Street, assustando-me quando aparece ao meu lado. Acena com a cabeça na direção da colher de caviar que tenho na mão.

Nem por sombras vou insultar o anfitrião da festa — sem mencionar que é ele o CEO e o fundador do conglomerado de comunicação social —, por isso engulo as ovas derretidas e lanço-lhe um sorriso. Ou, pelo menos, *espero* que pareça um sorriso.

— Sim. É delicioso — minto, tentando conter o vômito.

— Ouvi dizer que se deve pressioná-las contra o palato para sentir verdadeiramente o sabor amanteigado e a textura única. — Mr. Street abana a cabeça. — Pessoalmente, nunca percebi qual é o encanto, mas cada um com o seu gosto.

Só podes estar a gozar.

Eu podia estar a trocar piadas sobre o quão repulsivas são estas ovas e como decerto toda a gente neste salão está a fingir que as aprecia, e em vez disso sou uma das fingidoras.

Sinto-me desanimada pela oportunidade de networking desperdiçada.

— Como tem sido o seu estágio até agora, Ms. Mitchell? — pergunta Mr. Street, com a luz dos lustres de cristal refletida nos seus bondosos olhos castanhos e na sua careca.

— Tem sido ótimo — digo-lhe. — Tenho aprendido muito.

Esta é apenas uma meia-verdade. É complicado aprender com jornalistas e criadores de conteúdo de nível inferior quando cresci como a filha de Brad Mitchell, presidente da Street Media. Tinha 5 anos quando o meu pai me ensinou, pela primeira vez, tudo sobre a integridade jornalística e o anonimato das fontes. E embora este seja o meu primeiro verão na empresa, numa posição oficial, passei os dois últimos verões a acompanhá-lo, a aprender sobre a empresa, as técnicas de entrevista, como escrever um artigo

cativante e como reconhecer e filtrar preconceitos. O pai diz que o jornalismo me está no sangue e que, um dia, quando se reformar, serei eu a ocupar o seu lugar. Tudo o que preciso é de experiência consistente e dos contactos certos.

Por outras palavras, os Streets.

— Isso é fantástico. — Mr. Street dá um gole na sua taça de champanhe. — Trabalhou nalguma reportagem da qual tenha gostado particularmente?

O ponto alto de todo o verão foi acompanhar uma repórter que cobria o desfile Model Icon Fashion Show, mas sei de algo muito melhor para dizer.

— Gostei muito de mergulhar um pouco no setor de assuntos internacionais. Cobrir as eleições para o Parlamento Europeu e a situação na Ucrânia foi um grande abre-olhos.

— Oh, sim, o seu pai mencionou o seu interesse por conteúdos internacionais. Sabia que comecei como repórter de assuntos estrangeiros?

Eu sabia disso, claro, porque um bom jornalista faz o seu trabalho de casa.

— Oh, uau. Não fazia ideia — respondo, inclinando-me ligeiramente enquanto finjo interesse. — Tem alguma boa história desses tempos? Ou algum conselho sábio que queira partilhar comigo?

— Ora, Ellis — ouço atrás de mim, enquanto o meu pai se junta a nós, pousando a mão no meu ombro —, não podes monopolizar o tempo do Edward esta noite. Como anfitrião, tem demasiadas pessoas para cumprimentar.

Mr. Street ri-se um pouco.

— Receio que seja verdade, infelizmente, mas talvez possamos marcar um almoço para a próxima semana.

— Seria um prazer — digo.

— Verifique a minha agenda com a Anita e trate de tudo, Brad. Tenho o pressentimento de que a sua filha fará coisas grandiosas.



Ela emana a sua paixão. — Mr. Street dirige-me um sorriso largo. — Vá buscar mais caviar antes que acabe, Ms. Mitchell.

Enquanto ele se dirige a um grupo de figurões envolvidos num debate acalorado, o pai volta-se para mim e o seu Sorriso de Trabalho transforma-se no Sorriso de Pai — uma diferença que provavelmente passaria despercebida a qualquer outra pessoa. Os seus olhos demoram-se na minha camisa e o seu sorriso desaparece.

— Essa é uma das tuas... criações? — A desilusão escorre de cada palavra.

Envergonhada, puxo o cingido top de alças feito a partir de uma camisa oxford que comprei numa loja de roupa em segunda mão. Com a adição de um alfinete de peito da minha mãe e da saia longa de seda Carolina Herrera colocam o conjunto confortavelmente dentro do dress code formal, porém, o meu pai parece pensar o contrário.

— Sim, é... — confirmo, começando a arrepender-me de não ter vestido algo mais simples.

— Bem, parece que, apesar de tudo, conseguiste causar uma boa impressão.

— Na verdade, mal disse alguma coisa de jeito. — Encolho os ombros.

— Mencionaste os assuntos internacionais, como tínhamos combinado?

Aceno com a cabeça ao responder:

— Sim, mencionei.

O pai pisca-me o olho.

— Bom trabalho, miúda. Vou marcar o almoço para segunda-feira. — Aponta discretamente para uma mulher de meia-idade loira, de curvas bem definidas, e com um deslumbrante vestido dourado. — Porque não te apresentas à Catherine Howe? É produtora executiva na WorldNet Studios.



O pai torna a afivelar o seu Sorriso de Trabalho, que dirige a um grupo de homens mais velhos do outro lado do salão, antes de me deixar aqui especada sozinha no canto mais uma vez.

O meu telemóvel vibra na minha clutch e, mesmo não devendo, tiro-o para ler a mensagem.

Foodie Fernie

Despacha-te e acaba lá com essa seca. Festa em minha casa! O Jordan está cá ;)

Guardo o telemóvel na mala e suspiro. Adorava poder baldar-me a esta gala enfadonha e passar tempo com os meus amigos, para variar. Adorava mostrar o meu outfit a pessoas que realmente se importariam com o quão gira estou esta noite. Mas se quiser entrar na Columbia e depois conseguir um emprego na Street Media, tenho de me esforçar. Não tenho tempo para festas nem para rapazes e, ultimamente, nem para a minha melhor amiga.

Assim sendo, endireito os ombros, ignoro os pés que gritam por descanso e sigo na direção de Catherine Howe para me apresentar.



Suaves raios de sol infiltram-se através da janela do meu quarto enquanto estou deitada de barriga para baixo na cama, a olhar fixamente para a intimidante candidatura à Columbia, aberta no meu portátil. Lá fora, a banda sonora da cidade toca em loop — buzinas a apitar, uma equipa de construção a gritar, sirenes a uivar, pombos a arrulhar. A ansiedade incha no espaço entre as minhas costelas enquanto insiro os meus dados de contacto, o que já é mais longe do que cheguei da última vez que abri a candidatura.

Talvez esteja mais nervosa em relação à faculdade do que pensava.



Clico na secção seguinte do formulário e enterro, de imediato, a cara no edredão branco felpudo. Não sei porque é que isto é tão stressante. Eu *quero* isto.

Levanto a cabeça e o meu olhar cai na outra janela que tenho aberta no ecrã: a página inicial da FIT. No ano passado, uma das minhas disciplinas de opção na escola foi merchandising de moda, e a minha professora sugeriu que olhasse para o Fashion Institute of Technology, acrescentando que tenho uma verdadeira aptidão para a moda. É claro que isto não faz parte do meu plano de vida. Eu e o pai concordámos que jornalismo é um percurso de carreira muito mais prático, e toda a minha vida tenho trabalhado para entrar na Columbia. Mas não fará mal se der uma vista de olhos à candidatura da FIT — apenas para ver o que seria necessário.

Definitivamente, eu não estou a procrastinar na inscrição para a Columbia.

O site carrega, clico na página de admissões e sou invadida por um sentimento de calma, provavelmente porque não representa todo o meu futuro nem a pressão que isso carrega.

Estou a ler os tópicos que devem ser referidos no ensaio — «Diga-nos porque tem interesse em moda, incluindo a sua experiência e inspiração» —, quando ouço baterem à porta.

— Entre! — Clico nos requisitos do portfólio enquanto o pai abre a porta.

Tem os olhos cansados e a postura curvada, uma pessoa completamente diferente daquela que era na noite anterior, na gala. Arrasta-se até à cama e senta-se.

— O que se passa? — pergunto. — Estás bem?

— A tua mãe... — Interrompe-se ao ver o que está no ecrã do computador e estreita os olhos. Sinto o estômago a afundar-se.

— O que estás a ver aí? Pensei que já tínhamos falado sobre isto.

— E falámos. — Fecho o portátil. — Não é nada.



— És muito talentosa a desenhar roupas, Ellis, mas combinámos que isso era só uma forma de mostrar à Columbia que tens interesses diversificados.

— Eu sei. Estava só a ver. Achei que não faria mal candidatar-me ao FIT como plano B. Toda a gente se candidata a outras universidades como segunda opção.

— Pois... — Ele assente, devagar. Ceticamente. — Bem, não percas o foco. Não deixes que os teus passatempos te distraiam do que é importante. Tens de ser tenaz e de estar focada se quiseres ser bem-sucedida.

— Eu sei, pai. Já comecei a preencher o formulário de candidatura para a Columbia. Não te preocupes.

Mesmo que tenha sido só o meu nome e a morada.

— Muito bem. Enfim, vim aqui dizer-te que eu e a tua mãe precisamos de falar contigo. — Levanta-se e esfrega a parte de trás do pescoço. — Ela está à nossa espera na sala de estar.

Franzo as sobrancelhas. Algo não está *bem*.

— Okay...

Deixo o portátil em cima da cama e sigo o pai até à sala, onde a mãe está sentada, rígida, no sofá de couro cinzento, a torcer as mãos de olhos pregados no chão, o cabelo loiro-avermelhado preso num coque desalinhado. As olheiras escuras sob os olhos combinam com as do pai. Sinos de alarme soam na minha cabeça.

Ela olha para cima quando me sento no sofá ao seu lado.

— Bom dia, querida.

— Bom dia... — Olho de relance para o pai, que por sua vez observa a parede atrás de mim. — O que se passa?

— Bem — começa a mãe —, queríamos falar contigo sobre uma coisa. Tenho a certeza de que já reparaste que as coisas entre mim e o teu pai têm estado...

— Difíceis? — completo.





— Exatamente. As coisas têm estado *difíceis* ultimamente. Não há uma forma fácil de dizer isto, mas... decidimos passar algum tempo separados.

O pânico infiltra-se no meu peito.

— Vão divorciar-se?

— Não — diz o pai, apressadamente.

A mãe lança-lhe um olhar furioso e depois olha para mim.

— Não vamos precipitar-nos.

Abano a cabeça.

— Okay, bem, eu sei que vocês têm discutido muito, mas não podem entender-se?

— Não, não podemos. Não desta vez — responde a mãe. — Mas a tua tia Naomi tem um quarto vago lá em casa, e eu acho que algum tempo separados será o melhor para todos nós.

Olho para o pai, na esperança de que ele se oponha. Na esperança de que ele tenha outra solução qualquer. Ele tem *sempre* uma solução para tudo.

No entanto, ele apenas se deixa ficar a encarar a parede, de maxilar contraído.

— Pai? Diz alguma coisa. *Faz* alguma coisa.

— Não há nada a fazer, Ellis. A decisão está tomada — afirma, por fim encarando-me. A barba sombreia-lhe a cara e o cabelo parece despenteado por ter passado a mão por ele centenas de vezes. Parece *derrotado*.

— Será duro para nós não termos a família junta, mas vamos ultrapassar isto — diz a mãe, oferecendo-nos um sorriso fraco.

— Vais estar longe por quanto tempo? — pergunto.

A mãe arregala ligeiramente os olhos, como se algum tipo de compreensão a tivesse atingido.

— Oh. Bem, tu vens comigo para Bramble Falls.

— O quê? — Paro de respirar. — Não, não vou. A escola começa esta semana — relembro-a.



— Vais estudar em Bramble Falls por algum tempo — diz ela. — Estaremos de regresso por volta do Dia de Ação de Graças.

— Nem pensar. *Não* vou começar o ano numa escola nova. Pai, diz-lhe.

O pai aperta a cana do nariz entre os dedos.

— Tal como disse, a decisão está tomada, Ellis. Ouviste a tua mãe.

Levanto-me, agora a pairar sobre a mãe, que está sentada com os lábios pressionados com força, evitando olhar para mim.

— Eu não vou para o raio do Connecticut. Não podes obrigar-me a deixar a minha casa e os meus amigos e a minha escola durante o meu *último ano do secundário*! Então e os meus compromissos? Quer dizer, sou voluntária no lar e ainda estou a fazer o estágio na Street Media depois das aulas, três vezes por semana. E finalmente consegui ser a editora do jornal da escola este ano! Desculpa, mas não. Não posso ir embora. Ficar aqui é imperativo para conseguir entrar na Columbia. Porque não posso simplesmente ficar com o pai?

Por fim, a mãe encara-me, de rosto severo, indecifrável.

— Isto não é discutível. — Levanta-se. — Saímos amanhã de manhã bem cedo, por isso é melhor ires fazer as malas.

— *O quê?* Nem posso despedir-me da Fern nem avisar nos meus empregos? É suposto almoçar com o Mr. Street esta semana. Por favor, mãe, não faças isto.

O coração martela-me no peito, descontrolado, e fico com os olhos marejados de lágrimas que desfocam a minha visão. Não posso acreditar que isto está a acontecer.

— Ficar não é uma opção — responde ela, os seus olhos virados. — Lamento.

Volto-lhe as costas.

— Pai, por favor — suplico, dirigindo-me a ele enquanto pestanejo depressa, decidida a não chorar.

— É apenas temporário, Ellis. — O pai puxa-me para o seu abraço e beija-me o topo da cabeça. — O teu estágio estará à tua espera, okay? Tenho a certeza de que o Mr. Street irá adorar almoçar contigo quando voltares.

Desenvencilho-me dos seus braços, abanando a cabeça, sem acreditar. Como é que ele pode permitir que isto aconteça?

Cerro os dentes enquanto os meus olhos saltam ora para um ora para o outro.

— Odeio-vos aos dois por fazerem isto.

— Ellis...

Os meus pés descalços batem no chão de madeira a cada passo que dou em direção ao meu quarto, cortando com qualquer argumento vazio que a minha mãe estivesse prestes a dar. Bato com a porta atrás de mim e dirijo-me à minha janela, onde, finalmente, deixo que as lágrimas ziguezagueiem, livres, pelas minhas bochechas.

Lá fora, o sol varre a cidade. As pessoas seguem com a sua manhã de sábado como se o mundo inteiro não tivesse acabado de se virar de pernas para o ar e pegado fogo. Como se a minha vida inteira não tivesse sido virada do avesso. Como se todo o meu futuro não tivesse acabado de ser despedaçado.

Até ter começado o secundário, eu e os meus pais costumávamos visitar a minha tia Naomi e a minha prima Sloane todos os verões. Por isso, já sei no que me estou a meter.

Já sei que não há nada para mim em Bramble Falls, Connecticut.



Capítulo Dois

Chegamos a Bramble Falls no domingo, ainda cedo. Os raios do Sol nascente refletem-se no orvalho da manhã e pintam a vila de um tom dourado. As folhas verdes dos bordos de açúcar que ladeiam as ruas silenciosas, agarram-se aos últimos vestígios do verão da mesma forma que eu me agarro a casa, resistindo, obstinada, à mudança inevitável.

Sinto a janela fria do lado do passageiro contra a minha testa enquanto contemplo a vila, que está exatamente igual a como quando eu era criança. Pequenas casas erguem-se sobre pequenos jardins cuidados de forma perfeita. Algumas pessoas caminham com os seus pequenos cães pelo passeio.

Tudo aqui é pequeno.

Já sinto saudades de Nova Iorque. Tenho saudades da sua imensidão e dos seus sons e da sua azáfama. Tenho saudades da sua comida e dos seus artistas de rua e das suas livrarias. Caramba, até tenho saudades do lixo e dos cheiros horríveis e do metro.

Não pertenço aqui.

A mãe para no único semáforo da vila e volta-se para mim, a sorrir, como se tudo estivesse bem e normal. Os seus lábios



movem-se e a voz da Gracie Abrams dissipa-se quando tiro os meus AirPods.

— O que é? — pergunto.

— Eu disse que este sítio é lindo, não é? Lembras-te de tudo isto? — Ela gesticula, abrangendo toda a praça da vila que se estende à nossa frente.

O coreto branco, onde eu e a minha prima Sloane costumávamos fazer piqueniques e encontrar-nos com os amigos dela, continua rodeado pela mesma relva acabada de cortar, que sempre me pareceu seda sob os pés descalços. O relvado verde está salpicado de árvores, cujos ramos lançam sombras sobre canteiros de crisântemos cor de laranja e bordô.

— Claro que sim. Não estava na tua barriga da última vez que aqui viemos — digo num tom seco.

A mãe franze o sobrolho e acelera quando o semáforo muda. Seguimos pela rua que contorna a praça, passando pela velha loja de ferramentas com o mesmo letreiro desbotado pelo sol, que diz FERRAMENTAS E MUITO MAIS! e que sempre esteve na montra, pelo diner onde eu e a Sloane costumávamos beber batidos espessos e comer cachorros-quentes com chili nos dias de verão insuportavelmente quentes, pelo minúsculo posto de correios onde costumava enviar postais às minhas amigas de Nova Iorque, e pelo mercado onde — acidentalmente — roubei algo pela primeira vez.

Sim, a vila é bonita e tenho muitas memórias de infância dos bons momentos que passei aqui. Porém as recordações aconche-gantes não chegam para acabar com o meu mau humor. Este sítio não é a minha *casa*, e não vou fingir que estou entusiasmada com a mudança só para agradecer à minha mãe — em especial quando é por causa dela que estou aqui presa. Percebo que esteja a passar por muita coisa, mas ainda não entendo porque é que tive de vir com ela. Não pode ser para que não se sinta sozinha, já

que vai viver com a tia Naomi e com a Sloane. Também não pode ser para evitar que tenha saudades de casa, já que pelos vistos é o último sítio onde ela quer estar. Cada linha de pensamento me leva sempre à mesma conclusão: fez isto por rancor, para irritar o pai, e eu sou apenas um dano colateral.

À medida que conduzimos e passamos por uma minúscula loja de postais, uma mulher de cabelo castanho encaracolado e rugas profundas sorri e acena-nos. A mãe cumprimenta-a de volta.

— Conhecemo-la? — pergunto.

— Não. — A mãe ri-se. — Aqui, as pessoas simplesmente aceitam umas às outras. Ela estava a ser *amigável*.

— Certo.

A mãe suspira.

— Isto vai ser bom, Ellis — afirma ela, olhando fixamente para a estrada à sua frente. — Para nós as duas.

Desligo a minha música e guardo os auriculares, a tia Naomi vive a apenas alguns quarteirões do centro da vila.

— Claro.

O silêncio prolonga-se entre nós enquanto viramos para a Saffron Lane e a pequena casa colonial branca, com a porta e as portadas pintadas de azul-vivo, surge no nosso campo de visão. Ainda nem estacionámos no caminho de acesso quando a minha tia sai disparada de casa com um sorriso que lhe rasga o rosto, os braços abertos, pronta para nos envolver em abraços.

Ótimo.

A mãe vira o nosso BMW em direção à entrada e mal o estaciona antes de sair do carro, indo abraçar a irmã. Um segundo depois, a Sloane sai a deambular, com um sorriso que combina com o da sua mãe. Ao passo que eu me pareço mais com o meu pai, a Sloane é uma réplica da minha tia, partilhando a mesma largura de ombros, o cabelo loiro pálido, uma franja espessa, olhos azul-céu e uma camisa de flanela a combinar.



— Olá, Ellis — cumprimenta a Sloane, envolvendo-me com os braços no exato momento em que saio do carro.

— Olá — resmungo entre dentes, dando-lhe umas palmadinhas nas costas. Odeio o facto de o entusiasmo em ver a minha prima novamente seja manchado pelas minhas circunstâncias.

Mais uma coisa que a minha mãe arruinou.

Ela afasta-se e pousa as mãos nos meus ombros:

— Tens estado bem?

Percebo que ela esteja a tentar ser simpática, porque sabe sobre os meus pais, mas não consigo suportar o sentimento de pena que transparece nos seus olhos. *Não* preciso de pena. Só preciso de ir para casa.

— Estou bem — respondo, forçando um sorriso sem entreabrir os lábios. — Como estás? Já faz uma eternidade.

— Eu estou ótima! — Ela recua um passo, mostrando um sorriso tão largo que fico surpreendida por não lhe magoar o rosto. — Estamos tão empolgadas por ficarem aqui, especialmente nesta altura do ano!

— Oh, sim, Ellis — diz a mãe, colocando-se ao meu lado. — Vais viver momentos encantadores. Nenhum outro sítio celebra o outono como Bramble Falls.

— Se a tia o diz... — respondo. Estou-me a lixar para o outono em Bramble Falls. Para tudo o que diga respeito a Bramble Falls, aliás.

A tia Naomi puxa-me para um abraço apertado e sou envolvida pelo seu calor e pelo cheiro, há muito esquecido, do seu champô de coco, o que amolece um pouco as minhas arestas afiadas.

— Meu Deus, tive tantas saudades tuas. — Solta-me e coloca mechas do meu longo cabelo castanho-escuro atrás das minhas orelhas, passando os olhos por mim, estudando as minhas calças de ganga Khaite e o top curto sem mangas. — Uau. Cresceste imenso desde a última vez que te vi.

— Não cresceu?! — diz a mãe, sorrindo para mim.

A tia Naomi franze o sobrolho, voltando-se para a minha mãe.

— Não acredito que estiveste longe tanto tempo. Sinto que perdi tanta coisa.

A mãe deixa descair os ombros.

— A vida aconteceu.

— Aconteceu mesmo, não foi? — A tia Naomi abana a cabeça e dirige à minha mãe um olhar que apenas uma irmã poderia decodificar. Depois, torna a voltar-se para mim e sorri. — Bem, agora estão aqui. Vamos lá instalar-vos. A mãe abre a bagageira e eu agarro numa das únicas duas malas de roupa que ela me deixou trazer depois de me recordar que na casa da tia Naomi não cabe um guarda-roupa caro.

No entanto, aparentemente, os meus materiais de costura cabem, já que ela tanto insistiu que eu os trouxesse, apesar de eu mal lhes tocar há mais de um ano.

Nem sequer olho para as coisas de costura antes de arrastar a mala pelas escadas do apêndice atrás da tia Naomi e da Sloane. A mãe segue-nos com as suas malas e paramos dentro de casa, ainda na entrada, onde pousamos a bagagem.

A casa é pequena — quem diria —, mas acolhedora.

À nossa esquerda, um sofá bege com uma capa de tecido está colocado ao lado de uma poltrona azul aos quadrados, à frente de uma pequena televisão plana, na sala alcatifada. Fotografias e trabalhos manuais em molduras desiguais cobrem as paredes, e todas as prateleiras estão apinhadas de bibelôs e livros. Mesmo em frente, vislumbro a pequena cozinha em forma de L, onde vasos com plantas dão vida ao espaço, e o balcão que está cheio de canecas de café pirosas com frases COMO ÉS BEAUTIFALL E SPICE, SPICE, BABY E ÉS A MAÇÃ DA MINHA TARTE.





É um contraste enorme com o nosso espaçoso e bem cuidado apartamento em Nova Iorque, embora a casa da tia Naomi sempre tenha tido um charme peculiar e acolhedor.

— E se vos mostrássemos os vossos quartos, e posso também fazer-vos uma visita guiada mais tarde — diz a tia Naomi. — Há muito tempo que não estão por cá, algumas coisas podem estar diferentes.

Reviro os olhos. Este é o tipo de sítio onde nada muda.

A mãe lança-me um olhar e depois, assente.

— Parece-me bem.

Subimos as escadas para o primeiro andar, para o quarto de hóspedes.

— Annie — a tia Naomi informa a minha mãe —, este vai ser o teu quarto.

O quarto em tons de azul-claro é simples, com uma cama de casal encostada à parede, uma secretária a um dos cantos e apenas uma cómoda de mogno.

A mãe pousa a sua mala de viagem no chão.

— É perfeito, Naomi. Obrigada.

A tia sorri e faz-me sinal para que a siga.

— Ellis, eu ia acomodar-te no quarto da Sloane — começa ela —, mas a tua mãe disse-me que era provável que preferisses ter o teu próprio espaço.

Oh, graças a Deus.

A tia Naomi conduz-nos pelo corredor e para em frente a uma porta que eu nunca tinha aberto antes. Na verdade, nem sequer me lembro desta porta.

— Infelizmente — continua ela, girando a maçaneta solta —, já não temos mais quartos disponíveis. — Ela abre a porta com um puxão e começa a subir um conjunto de degraus que rangem.

Sigo-a, relutante. A temperatura aumenta à medida que chegamos ao patamar, onde raios de sol entram pela janela, transformando as partículas de pó flutuantes em glitter.



— Desculpa, está um pouco abafado aqui em cima — diz a tia Naomi, abrindo a pesada janela com uma moldura de madeira.

Lanço um olhar em toda a volta do enorme quarto, que se estende pelo comprimento da casa.

A divisão está cheia de caixas, a maioria a transbordar com o que parece ser uma secção inteira de decorações de outono de uma loja de coisas para festas — abóboras de plástico, grinaldas de folhas outonais e plantas artificiais vermelhas, amarelas e cor de laranja, enfeites de madeira da mesma temática, coroas decorativas e bases para copos com o formato de abóboras e maçãs.

Adoro um bom spice latte de abóbora quente e uma camisola de lã aconchegante tanto quanto qualquer outra pessoa, mas isto parece ser um bocado demasiado.

Sigo a tia Naomi pelo caminho estreito entre as caixas, afastando teias de aranha — tanto verdadeiras como decorativas — até alcançarmos um espaço desimpedido sob umas das águas-furtadas, onde, presumo, é suposto eu dormir.

Há uma cama normal com o que parece ser uma colcha vintage da Laura Ashley e uma estrutura antiga em ferro forjado, uma única cómoda branca que parece desgastada e alguns tapetes que a tia Naomi espalhou pelo espaço para cobrir o chão.

No entanto, nenhum deles disfarça o facto de esta divisão ser um *sótão*. Não consigo evitar sentir-me como a Sara de *A Little Princess*. Suspiro. Pelo menos, tenho uma janela.

— Sei que não é perfeito — diz rapidamente a minha tia, sem dúvida por ter reparado na minha hesitação. — Mas espero que fiques confortável...

Olho para a minha mãe, que me dirige um aceno de cabeça, incitando-me a agradecer à minha tia pela sua hospitalidade.

— Obrigada — balbucio. — É ótimo.

Sinto-me para lá de zangada com a minha mãe por me ter colocado nesta situação, porém, a tia Naomi não tem culpa de nada.



Estou grata por nos ter cedido espaço em sua casa, mesmo que este seja o último sítio onde quero estar.

Voltaremos para casa não tarda muito.

Isto é apenas temporário, lembro a mim própria.

A Sloane sobe os degraus, ofegante, carregando a caixa com a minha máquina de costura e os materiais.

— Sloane! — exclama a minha mãe. — Não precisavas de ter trazido isso. Eu e a Ellis teríamos tratado disso!

Não consigo evitar resfolegar, irritada. Trazer a caixa foi ideia dela. Nem pensar que eu ia arrastar aquilo escadas acima até ao segundo andar.

— Sem problema, tia Annie. Fico feliz por ajudar! Onde queres que a deixe?

Antes que pudesse dizer-lhe que tanto faz, porque já nem sequer costuro, a tia Naomi intromete-se:

— Ah, sim, é verdade! A Annie disse-me que tu fazes designs de roupa, Ellis, por isso trouxe uma mesinha para a tua máquina — explica a tia Naomi, enquanto aponta para a esquerda, onde está uma antiga mesa de costura poeirenta com um banquinho. A Sloane cambaleia até lá e deixa cair a caixa com um grunhido. — Sei que provavelmente usas tecidos especiais da cidade para os teus modelitos, mas temos várias caixas aqui no sótão com roupas doadas da campanha do mês passado. Doaram-nos tanta coisa que o centro pediu para entregar o resto só em dezembro. Fica à vontade para escolheres o que quiseres.

Opto por não lhe dizer que a maioria das minhas criações são feitas a partir de camisas oxford de lojas em segunda mão e por isso acabo apenas por agradecer:

— Hum, obrigada. Parece ótimo.

A minha tia bate palmas uma vez e sorri para nós, radiante:

— Excelente! Bem, estava a pensar fazer o pequeno-almoço para todas. O que acham?



— Estou esfomeada — responde a mãe. — Ellis?

— Eu apenas quero café, para ser honesta. Suponho que este lugar ainda não tenha entrado no século XXI e aberto um Dunkin'? Ou uma pastelaria qualquer, aliás? — pergunto.

A mãe suspira, exasperada, ao passo que a Sloane se ri e diz:

— Ainda não temos um Dunkin'. Mas agora temos o Gato Cafeinado. — Ergo uma sobrançelha para ela. — O Gato Cafeinado é um café onde os gatos podem entrar. O café é incrível, e os mais amorosos gatos para adoção passeiam livremente por lá. Confia em mim, vais adorar. Eu vou contigo até lá.

— Oh. Não tens de...

— Não sejas tonta. Não vou deixar que andes pela vila sozinha logo no teu primeiro dia — diz ela. — Vamos.

Deixamos o meu quarto poeirento e descemos as escadas em fila.

— Divirtam-se — deseja a minha mãe, movendo os lábios para me dizer *sê simpática*, enquanto eu e a Sloane saímos para o ar fresco da manhã, um alívio bem-vindo depois do calor do sótão e da presença sufocante da minha mãe.

Percorremos dois quarteirões sem que a Sloane pare de falar sobre a sua melhor amiga, o Asher, o emprego da mãe, o campo de teatro que frequentou este verão e como está entusiasmada pelo começo das aulas depois de amanhã — um facto que tenho escolhido ignorar, porque me provoca náuseas.

Pelo caminho, passamos por várias casas com pessoas sentadas nos alpendres, a beber café e a ler o jornal. Todas parecem conhecer a Sloane. Perto do centro da vila, passamos pela livraria e pela florista de Bramble Falls, onde um cartaz escrito à mão anuncia a venda de flores outonais.

Por fim, chegamos a um edifício verde-azulado, localizado na esquina da Peach Street com a Oak Avenue, quase em frente à praça da vila. Não me recordo do que havia aqui da última vez que

estive em Bramble Falls, mas, agora, uma placa de madeira com as palavras O GATO CAFEINADO está pendurada acima da porta.

A Sloane abre a porta para mim e eu entro na pastelaria, com o cuidado de não deixar escapar nenhum dos felinos que circulam pelo espaço. O aroma de uma mistura a café e açúcar paira no ar, fazendo a minha boca salivar e despertando-me ainda antes de a cafeína me tocar na língua. Estão seis pessoas na fila, por isso aproveito para examinar o menu escrito a giz no quadro atrás do balcão.

Não há nem sinal de um spice latte de abóbora.

— O que vais querer? — pergunta a Sloane enquanto uma gata tricolor lhe roça na perna e anda às voltas entre os seus pés.

Suspiro.

— Não faço ideia. Eu não... — Estou prestes a voltar-me para ela quando o meu olhar se fixa no rapaz que está atrás do balcão. Semicerro os olhos, como se isso fosse fazer-me acreditar no que estou a ver. — Sloane, aquele é...

Não pode ser.

A Sloane segue o meu olhar e sorri.

— O Cooper Barnett? Sim. Lembras-te dele?

É claro que me lembro dele.

Lembro-me de a Sloane nos apresentar da última vez que aqui estive. Ele declarou-nos melhores amigos no exato instante em que ela se foi embora para passar o verão a viajar com o pai, antes de ele morrer.

Durante esses curtos dois meses, lembro-me de que éramos inseparáveis.

Lembro-me de bebermos Capri-Suns e de comermos Doritos Cool Ranch juntos, no lago dos arredores da vila, as suas pernas magricelas, esticadas no cais, enquanto falava, animado, sobre a história do açúcar de confeitiro ou sobre a ciência por detrás do uso do sal na massa do pão.

Lembro-me andarmos de bicicleta pela Willow Creek Lane, de ombros corados e sardas a sobressair, antes de ele cair ao tentar desviar-se do único buraco da vila.

Lembro-me de entrarmos às escondidas no cinema drive-in de Bramble Falls, nas noites de filmes clássicos. Ele não conseguiu parar de chorar no final de *Free Willy*.

Lembro-me de comermos caixas inteiras de gelados Popsicle só para chegarmos às piadas nos pauzinhos, enquanto balançávamos juntos na rede que a tia Naomi tinha no quintal.

E uma rapariga lembra-se sempre do seu primeiro beijo.

Mas...

— Não me lembro de ele ser *assim* — digo, incapaz de reconciliar o rapaz magricela e encantador que conhecia com o espécimen que está três passos à minha frente. — Quando é que ele ficou tão...

— Giro? — pergunta ela com um risinho.

Encolho os ombros.

— Quer dizer, sim.

O cabelo castanho, que antes era curto, agora cresceu em ondas espessas que se enrolam nas pontas das orelhas e lhe caem sobre a testa; tem um avental atado ao corpo alto e definido. À medida que avançamos na fila, reparo nas sardas claras espalhadas pelo nariz — que nunca apreciei verdadeiramente quando éramos mais novos. Ainda tem as bochechas cheias, marcadas por uma única covinha, porém, agora, vêm acompanhadas de um maxilar anguloso que lhe acrescenta uma dose de charme ao seu ar de miúdo.

Nas palavras que imagino estarem numa caneca da tia Naomi: *Inacre-folha-vel*.

— Ele deu um pulo no décimo ano — sussurra a Sloane, fazendo com que eu saia do transe. — Depois, largou aqueles óculos redondos de nerd que estava sempre a empurrar para cima no



nariz e, se tivesse de apostar, deve ter começado a treinar no ginásio da escola.

A senhora que está à nossa frente pega num gatinho branco e amoroso ao colo e avança para o fim do balcão. Damos um passo em frente e o meu estômago dá uma pequena volta estranha.

O Cooper Barnett é absurdamente bonito.

— Olá, Sloane — cumprimenta ele, sorrindo para a Sloane.

Lança-me um olhar que demora apenas um segundo antes de abrir a boca para lhe perguntar o que vai querer. Mas, de seguida, olha de novo para mim, surpreendido; o sorriso desaparece-lhe dos lábios e os olhos cor de âmbar arregalam-se quando se fixam em mim.

Como me pude esquecer o quanto os seus olhos são lindos?

— Olá, Coop — digo, curvando os lábios num sorriso que não consigo evitar. Ele contrai o maxilar, e fica em silêncio. Parece-me que não se lembra de *mim*. — Ellis Mitchel... a prima da Sloane.

Olho para a Sloane, que está ao meu lado e observa o Cooper com uma sobrancelha arqueada.

— Eu sei quem tu és, Ellis — responde ele, num tom cortante.

— Oh. — O meu sorriso vacila. — Boa. Não nos vemos há tanto tempo. Como tens estado?

— Ocupado. — Ele volta-se de novo para a Sloane. — O que vais querer?

Hum, okay, então.

— Quero só um chá verde, por favor — responde ela. Depois, volta-se para mim, mudando o peso de uma perna para a outra, desconfortável. — E tu, Ellis?

— Por acaso tens um spice latte de abóbora secreto que não esteja no menu? — Ofereço-lhe o meu sorriso mais caloroso, para tentar derreter a sua atitude gelada e inexplicável para comigo.

— Não. — Ele olha para a fila que se estende atrás de nós e suspira, claramente a querer que sigamos o nosso caminho.

— Eu recomendaria o spice latte de outono. Tem spice de abóbora, avelã e biscoito de gengibre. É o mais parecido que irás conseguir em Bramble Falls, e é um milhão de vezes melhor.

— Duvido — digo-lhe. — Mas okay, convenceste-me. Queria então o maior spice latte de outono que tiveres.

Ele assente, regista tudo no ecrã à sua frente e informa-me sobre o total, evitando olhar para mim durante todo esse tempo. Passo o meu cartão, e eu e a Sloane avançamos até à outra ponta do balcão para esperarmos pelas bebidas.

— Que raio foi aquilo? — pergunta a Sloane.

— Podia perguntar-te exatamente o mesmo. Quando é que ele se tornou num parvalhão?

— Não se tornou! O Cooper é basicamente a pessoa mais simpática que conheço. O que lhe fizeste?

— Nada! Não venho aqui há anos. Éramos mesmo bons amigos antes de eu ter ido embora. — Não menciono o beijo. Ela ia perguntar-se porque é que nunca lhe contei. Duvido que ela acreditasse na verdade, que não foi nada de especial. Ainda para mais, é irrelevante, porque isso não mudou nada entre mim e o Cooper. — Até trocámos mensagens depois de eu ter voltado para casa.

— A sério?

— Por algum tempo, antes de ambos termos ficado demasiado ocupados com a escola. Mas nada explica a sua atitude para comigo. Nós não tivemos nenhuma discussão nem nada.

— Não sei, miúda. O Cooper não desgosta de ninguém. O que quer que tenhas feito deve ter sido mesmo mau.

— Eu não fiz nada! — grito, provocando a fuga de um dos gatos para trás de um caixote do lixo e atraindo a atenção de duas mulheres que esperam pelas bebidas e, claro, do Cooper. Sinto as bochechas a arder e baixo o olhar para as pontas quadradas das minhas botas de couro pretas da Stuart Weitzman.



Quando, finalmente, ouvimos nomearem as nossas bebidas, vamos buscá-las; porém, mesmo antes de sairmos, a Sloane inclina-se sobre o balcão:

— Ei, Cooper — chama ela. — Sempre apareces lá em casa mais tarde?

Ele acena com a cabeça.

— Estou lá às 18h.

Ela faz-lhe um «fixe» e eu sigo-a até à porta.

— O que vai acontecer mais tarde? — pergunto-lhe, passando por cima de um gato malhado com uma camisola verde.

Ela lança-me um enorme sorriso por cima do ombro:

— É setembro, o que significa que estamos oficialmente na época do Festival de Outono.

— Okay... E o que é que isso significa?

A Sloane para de repente e quase entorno o meu latte quando esbarro nas costas dela. Ela volta-se para me encarar:

— Significa que temos muito trabalho pela frente — começa por explicar. — Bramble Falls é conhecida por *se entregar completamente* ao outono. Há atividades temáticas todos os fins de semana durante os meses de setembro e outubro. Sabes, colheita de maçãs, passeios de feno, labirintos de milho, escultura de abóboras, uma caça ao tesouro de outono, uma noite dupla de filmes de terror no drive-in, a Corrida das Especiarias de Outono, a Fogueira das Botas e Mantas, e o Baile das Abóboras.

— O... Baile das Abóboras?

— É um baile de máscaras com muita dança — responde ela, praticamente a tremer de tanto entusiasmo. — Tudo culmina no grande festival no primeiro fim de semana de novembro, para encerrar a temporada. É praticamente uma enorme festa durante o dia todo. Em Nova Iorque, tens o desfile do Dia de Ação de Graças da Macy. Aqui, temos o Desfile de Bramble Falls, em torno da praça!



Deixo-me ficar a olhar para ela, boquiaberta com o entusiasmo que ela mostra ter por estes eventos.

— Há pessoas que vêm de todo o lado para a experiência Bramble Falls — continua Sloane. — É super divertido, mas também gera imenso dinheiro para a cidade. E como a minha mãe é a Presidente da Câmara e a presidente do comité de turismo, cabe-nos planejar, montar e participar nos eventos. E como a mãe do Cooper também pertence ao comité, ele ajuda-nos imenso. Ele vai lá a casa para trazer as caixas mais pesadas do sótão, porque, finalmente, chegou o momento de transformar esta cidade num oásis de outono!

— Percebo... — Pigarreio, e a minha curiosidade leva a melhor. — Então, tu e o Cooper estão, tipo, juntos?

— De todo — responde ela. — Não me interpretes mal, ele é giro e super querido. Mas não estou interessada. Porque perguntas?

Ela dirige-me um sorriso cúmplice e eu reviro os olhos.

— Estava só a perguntar — digo. — Agora, anda. Vamos sair daqui.

A Sloane obedece, bebericando o seu chá e voltando-se de costas para mim. Os sinos acima da porta tinem enquanto ela sai para a rua.

Antes de sair, olho para trás, e apanho o Cooper a observar-nos. Os nossos olhos cruzam-se, pelo que parece tanto um só instante como mil anos, antes de ele desviar o olhar.

Não quero dar importância ao facto de o Cooper parecer odiar-me — tal como não me importo com nada relacionado com esta cidade. Só gostava de conseguir esquecê-lo da mesma maneira que o esqueci nos últimos três anos.

No entanto, agora que voltei e que o vi novamente, não consigo afastar este sentimento nostálgico. As memórias do melhor verão que alguma vez tive com o rapaz mais querido de Bramble Falls envolvem-me como se fossem um cobertor. E, enquanto alcanço a Sloane na rua, a promessa de uma nova estação preenche o ar e não consigo evitar de pensar sobre quem é o Cooper Barnett agora... e como será passar um outono com ele.





Capítulo Três

Cachos de cabelos finos agarram-se à minha nuca enquanto estou de pé, em cima de uma velha cadeira de madeira, a forçar um varão de pressão para cortinas de plástico entre a viga central e a parede do sótão. Se vou ser obrigada a ficar aqui, preciso de algum vestígio de privacidade, caso alguém precise de vir ao sótão.

Assim que tenho os varões pendurados de cada lado da viga de suporte, desço da cadeira e recuo para observar as novas «paredes» do meu quarto — cortinas brancas e leves que fiz a partir de toalhas de mesa antigas que estavam numa pilha de caixas para a doação de roupa. As bainhas rendadas pareciam dar o toque certo de estilo *shabby-chic*, e, por mais que nunca admitisse isto à minha mãe, usar a máquina de costura ajudou a acalmar um pouco a ansiedade por estar presa aqui.

— Oh, que boa ideia — diz a mãe, sobressaltando-me. — Desculpa. Não era minha intenção assustar-te. Aqueles ventiladores fazem imenso barulho.

Abro a cortina, revelando três ventiladores, todos a oscilar na potência máxima.

— Barulhentos, mas necessários.

— Sem dúvida. Isto está uma autêntica sauna. — Ela passa a cortina e observa os meus modestos aposentos. — Lamento mesmo teres de ficar no sótão.

— É melhor do que dormir no quarto da Sloane. — Encolho o ombro.

A mãe volta-se e senta-se na cama, estudando melhor as cortinas.

— Então foste tu quem as fez, hein?

— Não te entusiasmes muito. Costurei por necessidade e não por prazer.

— Bem, de qualquer forma, estão incríveis.

— Obrigada.

Segue-se uma pausa desconfortável antes de ela continuar:

— Agradeço por estares a levar esta situação da melhor forma. És uma boa filha.

Assinto e cruzo os braços por cima do peito enquanto olho para o chão. A mãe morde o lábio e pousa as mãos nos joelhos, à medida que os ventiladores combatem o silêncio esquisito que se instala entre nós.

— Olha — diz, por fim —, sei que estás zangada comigo, mas talvez possas tentar pensar nisto como uma oportunidade para seres uma adolescente normal por um bocadinho. — Lanço-lhe um olhar duro. — As coisas não têm de ser tão difíceis agora. Terás o resto da tua vida para trabalhar.

— Eu não *quero* ser uma «adolescente normal». Eu quero entrar para a Columbia.

— E vais entrar, claro. Estou só a dizer para tentares divertir-te um pouco enquanto aqui estás. Sai com a Sloane, aproveita o encanto da vila, trabalha nas tuas coisas de moda... — Faz uma pausa, hesitando; depois, acrescenta: — Talvez possas fazer coisas de que gostas em vez de te preocupares em agradar ao teu pai.

Ergo as sobranceiras.



— Dizes isso como se tudo o que faço fosse para agradar ao pai. — Ela não responde. — Estás enganada. *Estou* a fazer aquilo de que gosto.

Não tenho trabalhado nas minhas criações ultimamente, porque não tenho tido tempo para ir às lojas em segunda mão, quanto mais passar horas a costurar novas peças.

Não tem nada que ver com o meu pai.

Ela anui, uma só vez:

— Okay.

No entanto, o seu tom de voz não quer dizer *okay*. O seu tom de voz diz que não acredita em mim. Diz que ela está simplesmente a ser afável. Como sempre.

— E eu não quero aproveitar o encanto da vila — continuo, com uma irritação abrasadora a varrer-me por dentro como um incêndio fora de controlo. — Quero estar na cidade, a frequentar a minha escola secundária de prestígio e a terminar o meu estágio, que outras pessoas matariam para ter, para que possa seguir os planos em que tenho trabalhado nos últimos três anos. Estamos a falar do meu *futuro inteiro*, mãe. Lá porque *tu* não tens um emprego, não significa que as outras pessoas não estejam preocupadas em conseguir um!

O rosto da minha mãe enruga-se, a expressão calma dá lugar à mágoa, e o meu estômago contorce-se num nó. Não é mentira — afinal, a mãe desistiu da carreira num galeria de arte na cidade para ficar em casa a tomar conta de mim —, mas não queria que soasse como se ser mãe a tempo inteiro fosse fácil.

Engulo em seco e olho para o chão.

— Estou só a tentar dizer que eu quero fazer coisas grandiosas, okay? E depois se o que eu quero vai ao encontro do que o pai quer para mim? Ele tem estado a ajudar-me a atingir os meus objetivos. Estar aqui significa recuar um passo, por isso para de tentar fazer disto uma coisa boa.



A mãe afasta o edredão florido e levanta-se. Os lábios entream-se, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, mas depressa os pressiona, volta-me as costas e atravessa o sótão em direção às escadas, por onde desce.

Solto um gemido e deixo-me cair na cama.

O meu telemóvel manteve-se silencioso em cima da cómoda gasta que está ao meu lado durante todo o dia. Pego nele e espreito as horas — 17h46. Encontro o pai nos contactos e carrego no ícone verde de chamada.

Embora tivesse sido a mãe a ficar em casa comigo, sempre fui mais próxima do meu pai. A mãe ajudava-me com os trabalhos de casa, mas era o pai quem me mantinha motivada. Incentivava-me a ter notas perfeitas, a envolver-me, a trabalhar arduamente, a experimentar coisas novas, a pensar no futuro.

Ele é brilhante, altruísta e *adorado* na Street Media. Mesmo quando eu era pequena, e o seguia pelo escritório com o agrafador e o pisa-papéis de latão da secretária nas mãos, já sabia que queria ser como ele.

O pai viajava muito em trabalho, por isso passava semanas sem o ver. No entanto, a distância entre nós agora parece diferente. Odeio-o por ter permitido que isto acontecesse, embora também tenha *saudades* dele.

O telemóvel toca. E toca. E toca. Quando, por fim, a sua voz me é trazida pela linha, sinto os olhos a arder. *Ligou para Brad Mitchell. Deixe a sua mensagem e retornarei a chamada assim que possível.*

Desligo a chamada e deslizo o polegar até chegar ao contacto da Fern.

Ela atende ao primeiro toque.

— Ellis! Conta-me tudo!

O meu coração dá um pulo ao ouvir a sua voz.

— É horrível — digo-lhe.

— Não estás aí nem há 12 horas.



— Eu sei, o que já quer dizer alguma coisa.

Ouçõ-a resfolegar:

— O que há assim de tão mau? Para além do facto de não estares aqui comigo, obviamente.

No outro lado da linha, algo arranha o chão. Imagino a minha melhor amiga a arrastar uma cadeira da sua pequena mesa branca da cozinha, sentando-se nela de pernas cruzadas como se fosse um pretzel, da forma que sempre faz quando fala ao telemóvel. Faz-me sentir saudades de casa.

— Para começar, eles não têm spice latte de abóbora. — A Fern arfa. Ela pode ser uma foodie, mas ambas nos deixamos levar pelos instintos mais básicos quando chega o outono. — Exato. E tenho quase a certeza de que o rapaz que trabalha na pastelaria me odeia.

— Já fizeste um inimigo? Estou impressionada.

— A minha mãe já tratou da minha matrícula na escola, mas não há alunos suficientes para a escola oferecer disciplinas de nível avançado. E também não têm um jornal escolar.

— Isso é, tipo, o teu pior pesadelo.

— Ainda fica pior — digo-lhe. — O meu quarto é no sótão.

— Ellis, não. Enfia-te no primeiro autocarro e sai daí, agora. Podes vir viver comigo — diz a Fern. E eu sei que ela está a falar a sério.

— Quem me dera. Pelo menos assim deixava de discutir com a minha mãe.

— É assim tão mau?

— Pior que mau. — Suspiro. — Diz-me como estão as coisas por aí. Como correu a festa de inauguração da tua casa? Nem acredito que a perdi.

Como investidores de imobiliários, os pais abastados da Fern ofereceram-lhe um apartamento no seu 18.º aniversário. Fizemos planos para viver juntas enquanto eu estudar na Columbia.

— Oh, meu Deus, gostava que tivesses vindo. Foi uma loucura.

A Fern começa a contar-me sobre a sua noite de rapazes e bebida e karaoke, um encontro com a polícia de Nova Iorque e o seu vizinho velho e rabugento. Enumera todos os influencers da cidade que estiveram presentes e todos os planos que fizeram para colaborações.

Conheci a Fern há dois anos, quando ambas fazíamos parte do jornal da escola. Na altura, ela sonhava em ter uma coluna de conselhos, mas acabou — sem querer — por ganhar fama enquanto crítica de restaurantes nas redes sociais. Com caracóis ruivos indomáveis, pele clara e olhos verde-vivo, é inegavelmente bonita. E também é indiscutivelmente hilariante. No último ano letivo, tornou-se famosa a viajar pelo país e a acabar a escola online, ganhando imenso dinheiro com patrocínios enquanto crítica gastronómica adolescente — tanto porque os vídeos são divertidos, como porque acerta sempre em relação à comida. Mal temos conseguido manter os nossos jantares semanais às quintas-feiras, no Nom Wah, o nosso restaurante de *dim sum* favorito, em Chinatown, devido ao seu sucesso.

O seu nome e a sua carreira estão a disparar, e surgem-lhe oportunidades de todo o lado. Entretanto, eu estou aqui presa, num impasse.

— O Jordan não parou de perguntar por ti — conta ela, antes de eu a ouvir dar um gole, que aposto ser do seu batido verde. Reviro os olhos. — Para de revirar os olhos.

— Como é que sabes que eu revirei os olhos? — Rio-me, um som que me é desconhecido por esta altura.

Entre estar constantemente a trabalhar e a ouvir as infinitas discussões dos meus pais nos últimos meses, tem sido difícil dar um sorriso sincero, quanto mais uma gargalhada a sério.

— Eu conheço-te. Olha, eu sei que disseste que os rapazes são uma distração...

— Porque são — atiro de volta.

— Mas não têm de o ser. Ele sabe que és ocupada e está bem com isso. Dá-lhe uma oportunidade.

— Não ando à procura de uma relação agora.

As relações são obstáculos que consomem o nosso tempo quando caminhamos ao encontro de um objetivo.

— Está bem, mas não tem de ser nada sério — diz a Fern.

— Quando voltares, podias simplesmente divertir-te. Sem compromissos.

Sem compromissos é tudo o que a Fern conhece, ela tem aversão a compromissos.

Infelizmente, arranjei tempo para ir à festa no terraço há quatro meses e dei por mim a olhar para os olhos escuros do Jordan, rodeados por pestanas espessas e negras, o cabelo impecável a esvoaçar com a brisa... e beijei-o. *Tentei* algo divertido e sem compromisso, mas depois ele ficou agarrado.

E mesmo que o conhecesse bem o suficiente para gostar dele, estou demasiado ocupada para uma relação. Por isso, aprendi a lição.

— Divertido e sem compromisso não é para mim. Não estou interessada, Fernie. Desculpa. — Talvez tenha tempo para rapazes depois de entrar para a Columbia, mas até lá estou focada a cem por cento.

O suspiro da Fern quase me derruba, mesmo estando ela em Nova Iorque.

— Pensa nisso, Ellis. Ouve, tenho de ir. Vou jantar com o Franky ao Nervous Donkey.

O meu estômago ronca.

— Ugh, estou mortinha por comer lá desde que abriu.

— Eu sei, amiga. Quando voltares, vamos juntas.

— Depois conta-me como foi — peço.

— Podes ver o meu vídeo — declara a Fern. Ouço um barulho do outro lado da linha. — Diz-me como corre a escola na terça.

Engulo um gemido.

— Sim, está bem.

— Adoro-te, Ell. Adeus!

A linha fica em silêncio. Atiro o telemóvel para o colchão ao meu lado e deito-me como uma estrela-do-mar, fechando os olhos e deixando que o ar dos ventiladores corra por cima de mim. Talvez seja agora que eu acordo para descobrir que tudo isto não passou de um pesadelo.

Quando abrir os olhos estarei no meu quarto de Nova Iorque. Vou ver a luz do sol a inundar o quarto através da enorme janela, fotografias minhas e da Fern nas paredes cor-de-rosa suave, e vou afundar os dedos dos pés no tapete branco e fofo quando me sentar na poltrona para desenhar alguns modelos.

Uma leve batida na porta arranca-me do meu devaneio.

— Ellis, estamos a subir — avisa a minha mãe do fundo das escadas.

Ela não se anunciou nem uma única vez hoje. Sento-me e escuto, atenta.

— É claro que me lembro de ti — diz a minha mãe, enquanto dois pares de passos de aproximam. — A Ellis falou de ti durante *meses* depois de termos ido embora, da última vez que cá estivemos. Acho que foi o melhor verão que ela alguma vez teve.

— Oh, a sério? — diz uma voz repleta de dúvida.

Oh, não.

Não, não, não.

Esqueci-me completamente de que o Cooper Barnett vinha cá a casa.





***Gilmore Girls* encontra
Jenny Han nesta comédia
romântica de outono sobre
uma rapariga numa pequena
cidade pitoresca que tem
de confrontar a sua primeira
paixão e o seu futuro.**



penguinlivros.pt

ISBN: 978-989-589-908-1



9 789895 899081